

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

TAYNÁ MARIA COELHO BUGAI

A *APRICAÇÃO* DA REGRA VARIÁVEL DE ROTACISMO:
UM EXERCÍCIO DE ANÁLISE NA FALA DO INTERIOR PAULISTA

PONTA GROSSA
2020/2021

TAYNÁ MARIA COELHO BUGAI

A *APRICAÇÃO* DA REGRA VARIÁVEL DE ROTACISMO:
UM EXERCÍCIO DE ANÁLISE NA FALA DO INTERIOR PAULISTA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para a obtenção do título de Licenciada em Letras – Português/Inglês – na Universidade Estadual de Ponta Grossa. Área de Língua Portuguesa e Linguística.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Márcia Cristina do Carmo

PONTA GROSSA

2020/2021

TAYNÁ MARIA COELHO BUGAI

A *APRICAÇÃO* DA REGRA VARIÁVEL DE ROTACISMO:
UM EXERCÍCIO DE ANÁLISE NA FALA DO INTERIOR PAULISTA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para a obtenção do título de Licenciada em Letras – Português/Inglês – na Universidade Estadual de Ponta Grossa. Área de Língua Portuguesa e Linguística.

Ponta Grossa, 24 de fevereiro de 2021.

Prof.^a Dr.^a Márcia Cristina do Carmo – Orientadora
Doutora em Estudos Linguísticos
Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof.^a Dr.^a Luciane Trennephol da Costa
Doutora em Letras
Universidade Estadual do Centro-Oeste/Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof. Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves
Doutor em Linguística
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

Dedico este trabalho a quem sempre esteve comigo, desde o princípio. Aquele que nunca me deixou, nem por um instante. E quem, nos momentos mais difíceis e solitários da minha vida, não me desamparou, pelo contrário, me olhou com olhos de amor, me sustentou, me encorajou e fortaleceu. Não me deixou desistir! Se hoje pude concluir este trabalho, foi porque meu Deus me ajudou. E eu não poderia deixar de prestar a minha gratidão por isso. Obrigada, Pai!

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Luiz Antônio Bugai e Ângela Maria Coelho Bugai, por todo o amor, suporte e incentivo. Pela paciência e compreensão em momentos de ansiedade e nervosismo, sempre trazendo palavras reconfortantes para que eu pudesse continuar e concluir este trabalho, mesmo em tempos difíceis como estes que passamos, devido à pandemia da Covid-19.

Aos meus irmãos, Luziangela Coelho Bugai e Rodrigo Coelho Bugai, e ao meu sobrinho, Davi Linhares de Lara, por trazerem luz aos meus dias e por sempre acreditarem no meu potencial, mais do que eu mesma.

À minha amiga, Miliane Martins, pela parceria, confidencialidade de sorrisos e até mesmo de tristezas. Por ser um presente que a graduação me trouxe, e que tornou este caminho mais leve e mais bonito.

Às minhas parceiras de aventura pela sociolinguística e pela fonética e fonologia, Talia Ferreira Machado, Jheniffer Amanda Dias e Ketlen Camille Anhaia, pelas divertidas trocas de conhecimento, pelo apoio em meio às dúvidas, que contribuíram para a construção desta pesquisa.

À minha orientadora, professora doutora Márcia Cristina do Carmo, por compartilhar seu amor pela fonética e fonologia, assim como pela Sociolinguística. Por me ajudar a desconstruir pensamentos preconceituosos sobre a língua e me mostrar o caminho da pesquisa em Linguística, com tanto zelo, ética e responsabilidade. Agradeço por tudo que me ensinou, pelo incentivo e pelo apoio, que foram fundamentais para a realização desta pesquisa. Todas essas coisas, além de revelar a exímia profissional que é, também revelam o coração de um ser humano incrível.

Aos professores doutores Luciane Trennephol da Costa e Sebastião Carlos Leite Gonçalves, pela honra em tê-los como banca de avaliação desta pesquisa, pois são profissionais de referência para mim. Agradeço pelas avaliações e contribuições que foram de grande valor para o aperfeiçoamento desta pesquisa, bem como para a minha formação como pesquisadora em linguística e para a minha futura prática docente.

E, por fim, agradeço à UEPG, pela oportunidade de desfrutar de um ensino público, gratuito e de qualidade, bem como pela bolsa de Iniciação Científica concedida, que me auxiliou e possibilitou a minha dedicação à pesquisa.

“Dificuldades preparam pessoas comuns
para destinos extraordinários.”
(C.S Lewis)

RESUMO

Este trabalho tem, como objetivo, analisar o processo fonético-fonológico variável denominado *rotacismo* na variedade do interior paulista. Esse fenômeno consiste na substituição de a consoante líquida lateral /l/ pela líquida vibrante /R/, normalmente, pela vibrante simples ou tepe [r], como, por exemplo, na realização de *ex.pli.car* como *ex.p[r]i.car*. Para este estudo, são utilizadas oito entrevistas sociolinguísticas pertencentes ao banco de dados *Iboruna* (GONÇALVES, 2020 [2007]), que conta com amostras da variedade do Português Brasileiro falado no interior paulista. Os dados são analisados com base na Teoria da Variação e Mudança Linguística (LABOV, 2008 [1972]) e tratados pela metodologia quantitativa do programa estatístico *Goldvarb X*. Como resultado, foram levantados 857 vocábulos, dos quais 53 (6,2%) apresentam rotacismo. Destaca-se a atuação das variáveis linguísticas *posição na sílaba*, *tonicidade da sílaba* e *contexto precedente*, que indicou, respectivamente, que a aplicação do rotacismo é favorecida em contexto de ataque complexo ou coda medial, em sílabas pretônicas, e com consoantes oclusivas em contexto precedente. Para as variáveis extralinguísticas, destacam-se a *faixa etária* e *sexo/gênero*, visto que apontaram que os mais idosos (PR 0.67) e o sexo/gênero masculino (PR 0.59) favorecem a realização do rotacismo, o que pode fornecer indícios de estigma social do fenômeno na variedade considerada.

Palavras-chave: Sociolinguística; Variação fonético-fonológica; Rotacismo.

ABSTRACT

This research aims to analyze the phonetic-phonological process named rhotacism in the variety spoken in countryside of São Paulo State. This phenomenon consists of the replacement of a lateral liquid consonant /l/ to a vibrant liquid /R/, generally, to a tap [r], as, for example, the realization of “ex.p[l]i.car” (‘explain’) as “ex.p[r]i.car”. For this study, eight interviews taken from the Iboruna database (GONÇALVES, 2020 [2007]), which consists of spontaneous speech samples of the investigated variety, are used. The data are analyzed using the Linguistic Variation and Change Theory (LABOV, 2008 [1972]), being also treated by the quantitative methodology through the statistical program Goldvarb X. As a result, 857 words were collected, of which 53 (6.2%) presented rhotacism in São Paulo speech. The performance of the following linguistic variables are highlighted: position in the syllable, stress of the syllable, and precedent context, which indicated, respectively, that the application of rhotacism is favored in the context of complex onset or medial coda, in pretonic syllables, and with stop consonants in a previous context. For the extralinguistic variables, the age group and sex/gender are highlighted, since they pointed out that the elderly informants (PR 0.67) of male sex/gender (PR 0.59) favor the performance of rhotacism, which can provide evidence of social stigma of the phenomenon in the considered variety.

Keywords: Sociolinguistics; Phonetic-phonological variation; Rhotacism.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	12
2.1 Teoria da Variação e Mudança Linguística	12
2.2 Estrutura da sílaba	16
2.3 Rotacismo	18
2.3.1 Rotacismo em diferentes variedades do PB.....	20
3 MATERIAL E MÉTODOS	24
3.1 Comunidade de fala	24
3.2 Córpus da pesquisa	27
3.3 Variáveis investigadas.....	28
3.4 Procedimentos metodológicos	30
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	32
4.1 Rodada Geral.....	32
4.1.1 Faixa etária.....	33
4.1.2 Tonicidade da Sílaba.....	34
4.1.3 Sexo/Gênero	35
4.1.4 Posição na sílaba	35
4.1.5 Escolaridade.....	36
4.2 Rodada para Ataque Complexo	37
4.2.2 Contexto Precedente.....	38
4.3 Rodada para Coda Silábica.....	40
4.3.1 – Sexo/Gênero	41
4.3.2 – Posição na sílaba	42
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS	46
APÊNDICE	49

1 INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)¹ analisa o processo fonético-fonológico variável denominado *rotacismo* na variedade do interior paulista, “fenômeno fonológico relacionado com a realização fonética de um som rótico em substituição a um som lateral [...]” (SILVA, 2011, p. 197). Em outras palavras, consiste na substituição de uma líquida lateral // por uma líquida vibrante /R/, normalmente, por uma vibrante simples ou tepe [r] (SILVA, 2011), como, por exemplo, a realização de *ex.pli.car* como *ex.p[r]i.car* ou de *plan.ta* como *p[r]an.ta*.

Ressalta-se, com base em Silva (2011, p.197), que o rotacismo, muitas vezes, é relacionado com outro processo inverso a ele, conhecido como *lambdacismo*. O lambdacismo é caracterizado por Cox e Assad (1999) como um “distúrbio” de pronúncia que afeta o fonema [l]. Nesse caso, ocorre a substituição de uma líquida vibrante /R/ por uma líquida lateral //, por exemplo, a palavra *re.fri.ge.ran.te* é realizada como *re.f[l]i.ge.ran.te*. Porém, nesta pesquisa, delimita-se o estudo à substituição de uma líquida lateral por uma líquida vibrante.

Como fundamentação teórico-metodológica, segue-se a perspectiva da Teoria da Variação e Mudança Linguística, também denominada Sociolinguística Quantitativa (LABOV, 2008 [1972]), proposta pelo linguista norte-americano William Labov, que concebe a língua como heterogênea e social, e procura sistematizar o suposto “caos” linguístico.

A análise é conduzida a partir de um *cópus* formado por oito inquéritos do banco de dados *Iboruna* (Projeto ALIP – FAPESP 03/08058-6 – UNESP/IBILCE – GONÇALVES, 2019 [2007]), que conta com 152 entrevistas sociolinguísticas semi-estruturadas de informantes oriundos da região de São José do Rio Preto (SP). Para a análise quantitativa dos dados coletados, é utilizado o pacote estatístico *Goldvarb X* (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), em uma versão em ambiente operacional *Windows*.

¹ Este trabalho é desdobramento da pesquisa de Iniciação Científica (PIBIC) intitulada *Análise do rotacismo no interior paulista: qual o problema em falar prob[r]ema?*, desenvolvida na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) no período de agosto de 2019 a julho de 2020, com bolsa UEPG, e premiada com o terceiro lugar na área de Linguística, Letras e Artes no XXIX Encontro Anual de Iniciação Científica (EAIC/UEPG).

A escolha pela análise da variedade do Português Brasileiro (PB) falado no interior paulista se justifica pela ausência de um banco de dados já constituído com entrevistas sociolinguísticas da região de Ponta Grossa (PR), município sede da UEPG. Nesse sentido, destaca-se o fato de o banco de dados *Iboruna* ter sido finalizado em 2007, conforme constatado em Gonçalves (2019), e, além disso, já ter passado por Comitê de Ética no momento de sua constituição, não tendo sido necessária a submissão do projeto deste TCC à Comissão de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos (CEP) da UEPG.

Justifica a realização desta pesquisa o fato de o rotacismo não ter sido investigado sistematicamente na variedade do interior paulista sob o arcabouço teórico-metodológico da Sociolinguística Quantitativa (LABOV, 2008 [1972]). Sendo assim, o presente TCC apresenta uma análise inédita, preenchendo lacunas no que diz respeito à variação fonético-fonológica na comunidade de fala analisada.

Por meio da análise do rotacismo na variedade do interior paulista, tem-se, como objetivo, investigar a atuação, para a aplicação do processo, não somente de variáveis linguísticas, como *posição na sílaba*, *sonoridade precedente*, *contexto precedente*, *tonicidade da sílaba* e *outro segmento líquido na palavra*, que demonstraram ser relevantes para a realização do rotacismo em estudos de outras variedades do PB, como também extralinguísticas, como *sexo/gênero*, *faixa etária* e *escolaridade*, obtendo, desse modo, indícios da avaliação social da comunidade de fala em relação ao fenômeno e do *status* do fenômeno em relação à variação e à mudança linguística na variedade considerada.

Como hipóteses a serem testadas, têm-se as de que o rotacismo na variedade do interior paulista: (i) seja apontado como um fenômeno estigmatizado socialmente (BAGNO, 2007a, 2007b), assim como observado em outras variedades do PB; e (ii) seja motivado por fatores também de natureza linguística.

Sendo assim, este TCC está estruturado da seguinte forma: na seção 2, é apresentada a fundamentação teórica, que se baseia na Teoria da Variação e Mudança Linguística (LABOV, 2008 [1972]) e em estudos do fenômeno em outras variedades do PB. Na seção 3, expõem-se os materiais e métodos empregados na análise do fenômeno variável, assim como informações sobre a comunidade de fala investigada e sobre o banco de dados utilizado. Em seguida, a seção 4 apresenta os resultados da análise e a discussão dos dados gerados pelo programa estatístico, e

os fatores de relevância para a ocorrência do fenômeno investigado. E, por último, na seção 5, são apresentadas as considerações finais, seguidas pelas referências bibliográficas e pelo apêndice.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Como já exposto, este TCC descreve e analisa o processo fonético-fonológico denominado *rotacismo* na variedade do interior paulista. Para tanto, fundamenta-se no arcabouço teórico da Teoria da Variação e Mudança Linguística (LABOV, 2008 [1972]).

Nesta seção, são apresentados três subtópicos que auxiliam na explicação de alguns conceitos fundamentais para a condução desta pesquisa, a saber: (i) *Teoria da Variação e Mudança Linguística* (seção 2.1), contando com estudos de Labov (2008 [1972]), Tarallo (2003), Bagno (2007a), dentre outros; (ii) *Estrutura da sílaba* (seção 2.2), que apresenta a estrutura da sílaba no português a partir de estudos de Collischonn (2006) e elucida os contextos possíveis para a realização do rotacismo; e (iii) *Rotacismo* (seção 2.3), que detalha as características do processo investigado nesta pesquisa.

2.1 Teoria da Variação e Mudança Linguística

A Teoria da Variação e Mudança Linguística (LABOV, 2008 [1972]) é um modelo teórico-metodológico que concebe a língua como social e heterogênea. Tem, como objeto de estudos, o suposto “caos” linguístico, ou seja, estuda os padrões de comportamento linguístico observáveis dentro de uma comunidade de fala. Também é conhecida como *Sociolinguística Variacionista* ou *Quantitativa*, por apurar frequência de uso e conferir tratamento estatístico aos dados coletados.

O linguista norte-americano William Labov é o grande representante dessa teoria, que se apresentou como uma reação à ausência do componente social nas investigações assentadas em modelos formalistas. Sua obra mais expressiva é *Padrões Sociolinguísticos (Sociolinguistic Patterns – LABOV, 2008 [1972])*. Nesse livro, o autor apresenta estudos sobre o inglês falado na ilha de *Martha’s Vineyard*, a estratificação social do inglês falado em Nova Iorque, dentre outras pesquisas relevantes para os estudos da Sociolinguística.

Cabe destacar, dentre os trabalhos de Labov, seu estudo pioneiro de 1963, sobre a centralização de ditongos na fala de moradores da ilha *Martha’s Vineyard*, localizada no estado de *Massachusetts* (EUA). Para tanto, utilizou um método até então inédito: o da sociolinguística quantitativa, que propunha sistematizar a

heterogeneidade da língua por meio de dados estatísticos (LABOV, 2008 [1972]). Labov analisou os ditongos [aj] e [aw] realizados como um *schwa* e pronunciados de formas diferentes do inglês padrão da Nova Inglaterra, como, por exemplo, [ɛj] em *white* ('branco') ou [ɛw] como em *house* ('casa'). Após análises de fatores linguísticos e extralinguísticos, Labov constatou que os fatores extralinguísticos tinham maior relevância para a ocorrência dos ditongos centralizados, confirmando a sua hipótese inicial, de que essa forma não-padrão de realização dos ditongos partiria dos falantes nativos como uma forma de tradição e de marcar a identidade dos moradores da ilha (LABOV, 2008 [1972]).

A partir da teoria sociolinguística (LABOV, 2008 [1972]), são apresentados dois conceitos essenciais, o de *variável* e de *variante linguísticas*. Uma *variável* pode ser entendida como um conjunto de formas linguísticas que se realizam de maneiras diferentes, conforme a variedade investigada. Cada uma dessas formas possíveis de realização de uma variável é chamada de *variante*. Conforme afirma Tarallo (2003, p. 8), "variantes linguísticas são, portanto, diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade".

Para melhor exemplificar, utiliza-se do fenômeno do rotacismo, investigado nesta pesquisa. Como *variável*, tem-se o conjunto de variantes. Já as *variantes* são: (i) a não-aplicação do processo, ou seja, a ausência de comutação entre as consoantes líquidas, como em *pla.ca* e *al.ça*, e (ii) a aplicação do processo, ou seja, a presença de comutação entre as líquidas, como em *pra.ca* e *ar.ça*.

Dados esses conceitos de *variável* e *variantes*, prossegue-se agora com os conceitos de variantes *padrão/não-padrão*, *conservadora/inovadora* e *de prestígio/estigmatizada*. Normalmente, as variantes consideradas padrão, são, ao mesmo tempo, conservadoras e prestigiadas, pois tendem a ser utilizadas por uma comunidade de fala que teve acesso a uma alta escolarização e desfruta de prestígio social. Já as variantes não-padrão são quase sempre inovadoras e estigmatizadas, porque costumam ser utilizadas por um segmento social que vive à margem da sociedade e não tem um acesso adequado à escolarização (TARALLO, 2003, p. 12). Porém, pode haver situações conflitantes em que esses conceitos citados não necessariamente se sobrepõem, como apontado no estudo de Labov (2008 [1972]), sobre a centralização dos ditongos na ilha de *Martha's Vineyard*, em

que a variante local, com a pronúncia da vogal-núcleo do ditongo como um *schwa*, é considerada conservadora, não-padrão e estigmatizada.

Como mencionado na introdução deste TCC, uma das hipóteses iniciais desta pesquisa é a de que serão observados indícios de estigma social em relação à variante que realiza o rotacismo no interior paulista, posto que Bagno (2007a) destaca que o rotacismo está entre os fenômenos mais estigmatizados no PB. O autor aponta que as formas de pronúncia como *ingrês* (vs. inglês), *broco* (vs. bloco), *pranta* (vs. planta) são consideradas “erradas” e, por isso, são ridicularizadas, pois esse juízo de valor está atribuído não propriamente pela suas características linguísticas, mas, sim, pelas avaliações sociais lançadas sobre os falantes desta variante, que, geralmente, são indivíduos com pouco acesso à escolarização, moradores de zonas rurais ou periféricas, e trabalhadores mal remunerados, ou seja, são indivíduos que não desfrutam de prestígio social em uma sociedade injusta e com alto grau de exclusão, como a brasileira.

Desse modo, espera-se obter, nesta pesquisa, resultados que possam indicar eventual prestígio ou estigma social do rotacismo, o que pode ser detectado por meio da investigação de variáveis extralinguísticas, como *sexo/gênero* e *escolaridade*, pois, segundo Labov (2008 [1972]), as mulheres e os indivíduos mais escolarizados tendem a evitar as formas estigmatizadas socialmente, aproximando-se de um falar mais prestigiado, como será mais bem detalhado na seção 3.3 deste TCC.

Outra variável extralinguística utilizada nesta pesquisa é a *faixa etária*, produtiva para a análise do *status* da variação e da mudança linguística na comunidade de fala. Conforme Paiva e Duarte (2015), o *status* da mudança linguística pode ser estudado de duas formas, por meio do *tempo real* e do *tempo aparente*.

O estudo em tempo aparente é realizado por meio de um recorte sincrônico de amostras de fala, em que não há comparações entre dados do mesmo informante com amostras passadas e/ou futuras (PAIVA; DUARTE, 2015). Na pesquisa de tempo aparente, não há um acompanhamento longitudinal da fala do mesmo informante, mas há uma comparação na “frequência de uso de uma determinada variável distribuída por faixas etárias [...]” (COSTA, 2006, p. 78). Dessa

forma, é possível identificar se o processo é um caso de variação estável ou mudança em progresso.

A variação estável é caracterizada por um padrão curvilíneo em que as faixas intermediárias apresentam um maior uso de formas de prestígio, pois, “quando os falantes mais jovens e mais velhos usam uma variável, significa que ela apresenta indícios de estabilidade, ainda mais se for uma variável estigmatizada como o rotacismo” (COSTA, 2006, p. 104).

Já a mudança em progresso é caracterizada pelo uso frequente de uma variável inovadora pela faixa etária mais jovem, o que pode ser um sinal de que essa variável se encontra em um processo de implementação na variedade analisada. Porém, nem sempre que uma variável é utilizada com mais frequência pelos mais jovens significará uma mudança linguística, pois pode tratar-se de um caso de variação *age-grading*, ou seja, uma variação típica de uma determinada faixa etária que pode ocorrer, como por exemplo, na adolescência (COSTA, 2006, p. 78).

Para o procedimento dos estudos de mudança linguística, a maneira mais adequada, segundo Paiva e Duarte (2015), é a de conjugar as evidências obtidas por meio do estudo da mudança no tempo aparente com as evidências fornecidas pelo tempo real. O estudo de tempo real é subdividido em: (i) de *longa duração*, em que há uma análise diacrônica de um fenômeno, por meio de textos históricos que já perpassaram séculos, para indicar a trajetória desse fenômeno até os dias de hoje; e (ii) de *curta duração*, que se caracteriza por dois tipos distintos de análises em uma determinada comunidade. O primeiro é o *estudo de painel*, em que há o confronto entre amostras de fala de um mesmo indivíduo, separadas por um intervalo de tempo: “considera-se, geralmente, que o espaço de uma geração (cerca de 18 anos) é suficiente para fornecer indícios acerca da estabilidade ou mudança no comportamento linguístico do indivíduo [...]” (PAIVA; DUARTE, 2015, p. 186). O segundo é o *estudo de tendências*, em que há o confronto entre amostras distintas de fala da mesma comunidade, com perfis “estratificados com base nos mesmos parâmetros sociais, em dois momentos do tempo” (PAIVA; DUARTE, 2015, p. 188).

Dados esses conceitos, passa-se agora a uma breve elucidação sobre a estrutura silábica da língua portuguesa, a ser feita na seção seguinte, a partir do estudo de Collischonn (2006).

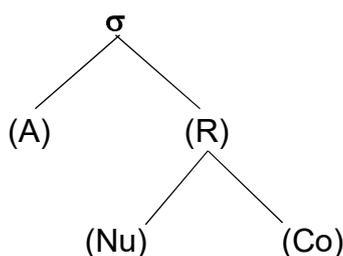
2.2 Estrutura da sílaba

O entendimento sobre a sílaba tem um papel importante, pois, por meio dessa estrutura, é possível explicar determinados processos fonológicos que ocorrem nas línguas, “[...] tais como substituição de um segmento por outro, apagamento de segmento, inserção de segmento e troca de posição de segmentos entre si” (COLLISCHONN, 2006, p. 34), como, por exemplo, o rotacismo, fenômeno analisado neste trabalho.

Definir sílaba, no entanto, é um tanto complexo, pois em cada teoria é levantado um conceito específico. Em vista disso, pode-se destacar aqui alguns deles, como o de Cagliari (2007), que apresenta um conceito mais articulatorio, proposto primeiramente por Stetson (1951), em que a sílaba seria uma sensação cinestésica resultante da ação dos músculos da respiração e, portanto, a sílaba seria “o primeiro parâmetro articulatorio a ser ativado e nenhum enunciado poderia, em princípio, ser pronunciado sem que fosse no início montado em sílabas” (CAGLIARI, 2007, p. 109). Já para Silva (2011), a sílaba seria uma “[...] unidade que agrega segmentos consonantais e vocálicos” (SILVA, 2011, p. 201). Por fim, para Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2015), a sílaba é uma unidade prosódica, e “[...] que é domínio ou parte constitutiva de regras da Fonologia” (SEARA; NUNES; LAZZAROTTO-VOLCÃO, 2015, p. 117).

Dados esses conceitos de sílaba, adota-se, neste TCC, a estrutura da sílaba apresentada por Collischon (2006), para o PB, com base em Selkirk (1984), e conhecida como *Hierarchical organization* (‘Organização hierárquica’). Segundo essa proposta, uma sílaba é formada por um ataque (A) e uma rima (R); e a rima é formada por um núcleo (Nu) e uma coda (Co), como apresentado na figura a seguir.

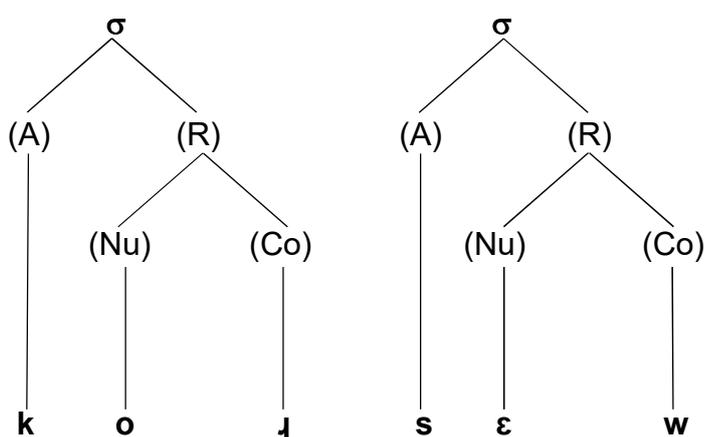
Figura 1 – Estrutura da sílaba



Fonte: Collischonn (2006, p. 35)

A *coda* é o final da sílaba e, como aponta Collischon (2006), seu nome provém do latim e tem o significado de *cauda* ou *rabo*. Os únicos segmentos permitidos em coda no PB são: os representados pelos arquifonemas² /R/, /L/, /S/, /N/ e as semivogais. Já *ataque* é a tradução da palavra inglesa *onset*, que significa *início*, ou seja, ataque é o início da sílaba. Nem todo segmento de ataque é permitido em coda no PB, como as oclusivas, como em *lap.top*,³ por exemplo. Assim, a coda e o ataque podem ser considerados as margens da sílaba (COLLISCHONN, 2006). A partir disso, uma palavra como *cor.cel* pode ser representada da seguinte maneira:

Figura 2 – Representação da estrutura silábica da palavra *corcel*



Fonte: Elaboração própria

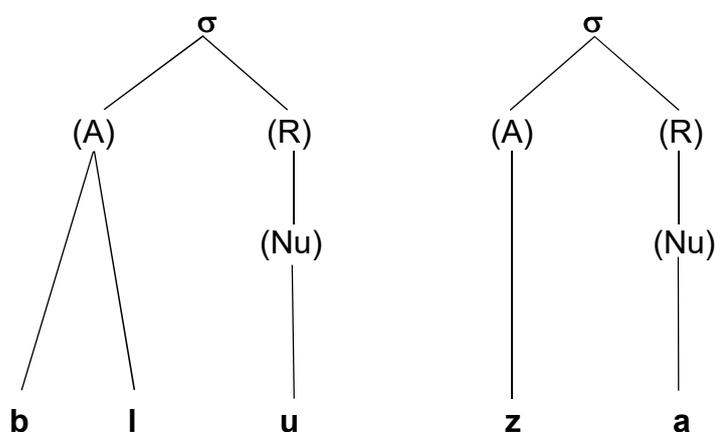
Também pode haver sílabas com mais de um segmento no ataque, o que é denominado *ataque complexo*. Apenas as consoantes líquidas // e /r/, que serão

² Arquifonema, segundo Silva (2011, p. 62), é um “termo utilizado pela Escola de Praga para representar a neutralização de dois ou mais fonemas em um contexto específico”. Geralmente, são representados por letras maiúsculas e expressam todas as propriedades dos fonemas envolvidos na neutralização. No PB, por exemplo, “o arquifonema /S/ é utilizado para representar sibilantes em posição pós-vocálica [...] havendo a neutralização dos fonemas /s, z, ʃ, ʒ/ neste contexto” (SILVA, 2011, p. 62).

³ No PB, essa estrutura silábica não é possível, sendo assim o falante acaba produzindo um fenômeno fonológico chamado *epêntese*, que “[...] se caracteriza pela inserção de uma vogal entre as consoantes em encontros consonantais que envolvam oclusivas, africadas, nasais ou fricativas” (SILVA, 2011, p. 99-100). Também pode ocorrer em final de sílaba uma vogal epentética, que, no caso do PB, é a vogal [i], principalmente em casos de derivação. Desse modo, uma palavra como *laptop* seria reproduzida como *la.p[i].to.p[i]* (SILVA, 2011).

mais bem apresentadas posteriormente, podem ocupar a segunda posição em um ataque complexo. Já a primeira posição do ataque complexo só pode ser ocupada por oclusivas /p/, /b/, /t/, /d/, /k/, /g/ e pela fricativa labiodental /f/, pois a fricativa /v/ possui uma “distribuição limitada a ataques com /r/ no interior de palavras (nomes como Wrana e Vladimir têm caráter excepcional)” (COLLISCHONN, 2006, p. 36). A seguir, é apresentado um exemplo de ataque complexo na palavra *blu.sa*.

Figura 3 – Representação da estrutura silábica da palavra *blusa*



Fonte: Elaboração própria

A partir dessa breve explanação sobre a estrutura silábica, pode-se entender melhor os conceitos de coda silábica e ataque complexo, que são os contextos propícios para realização do rotacismo. Portanto, prossegue-se agora para a próxima seção, que abordará o processo fonológico *rotacismo*, objeto de estudos do presente TCC.

2.3 Rotacismo

Como apresentado inicialmente, o rotacismo consiste em “um fenômeno fonológico relacionado com a realização fonética de um som rótico em substituição a um som lateral [...]” (SILVA, 2011, p. 197). Dessa forma, no português, o rotacismo ocorre quando há substituição da líquida lateral [l] pela vibrante [R], normalmente, por uma vibrante simples ou tepe [r] (SILVA, 2011).

É possível afirmar, portanto, que o rotacismo corresponde à alternância entre as consoantes *líquidas*, as quais são classificadas em dois grupos: o das vibrantes e

o das laterais. Segundo Costa (2006), no PB, essas consoantes partilham muitas características similares, como restrições fonotáticas e alguns processos fonológicos:

A lateral e a vibrante sofrem diversos fenômenos como vocalização, apagamento, metátese e posteriorização de articulação e são os únicos segmentos que figuram como segundo elemento de um ataque complexo. Fazem parte também do reduzido conjunto permitido na coda silábica (COSTA, 2006, p. 17).

Brandão e Callou (2019) citam que a comutação entre as líquidas ocorre, muitas vezes, por um processo de dissimilação ou metátese. Segundo Botelho e Leite (2005, p. 6-7), dissimilação “é a transformação de um fonema para diferenciação de um outro semelhante existente no mesmo vocábulo”, como em *pílula* > *pírula*. Já metátese “é o nome dado à transposição de um fonema em uma mesma sílaba de um vocábulo” (BOTELHO; LEITE, 2005, p. 5), como, por exemplo, em *perguntar* > *preguntar* ou *prateleira* > *parteleira*.

O rotacismo também pode ocorrer em três contextos silábicos distintos: (i) em coda medial, como em *al.mo.fa.da* > *ar.mo.fa.da*; (ii) em coda final, como em *sol* > *sor*; e (iii) em grupos consonantais em ataque silábico, como em *blu.sa* > *bru.sa* (CRISTINO; BUSSE, 2017).

Em relação ao falar paulista, Amaral (2020 [1920]), em seu livro *O dialeto caipira*, ilustra o rotacismo em coda silábica em exemplos como *quar.quér* e *mér*. Em contexto de ataque complexo, como nos exemplos *cra.ro* e *cum.pre.to*, o autor destaca que “esta troca é um dos vícios de pronúncia mais radicados no falar dos paulistas, sendo mesmo frequente entre muitos dos que se acham, por educação ou posição social, menos em contato com o povo rude” (AMARAL, 2020 [1920], p. 41).

Conforme Brandão e Callou (2019), existem alguns registros da ocorrência do rotacismo no *Appendix Probi*, texto do século IV d.C. que apresenta vocábulos do latim vulgar ditos como “errados” em comparação ao latim clássico na época (SILVA NETO, 1956, *apud* BRANDÃO; CALLOU, 2019), como nos seguintes exemplos: *flagellum non fragellum*, *terebra non telebra* e *glari non cracli*. Desse modo, é cabível afirmar que casos de rotacismo ocorrem desde as primeiras mudanças do latim para o português, consistindo em um *metaplasmo por transformação*, que ocorre “[...] quando um fonema de um vocábulo se transforma, passando a ser outro fonema

distinto em lugar do primeiro” (BOTELHO; LEITE, 2005, p. 6), como nas palavras *blanco*, *clavo*, *flaccu*, atualmente realizadas categoricamente no PB contemporâneo como *branco*, *cravo* e *fraco*, respectivamente.

O rotacismo ocorreu amplamente na história da língua portuguesa, segundo Bagno (2007a), e há registros do fenômeno em textos escritos no português medieval, entre eles, no clássico *Os Lusíadas* (1572) de Camões, com as palavras: *fruta*, *frecha*, *ingrês*, *pranta*, *pruma*, *pubrica*, apresentadas a seguir (BAGNO, 2007a, p. 217).

“E não de agreste avena, ou fruta ruda” (canto I, verso 5)
 “Doenças, frechas, e trovões ardentes” (X, 46)
 “Era este inglês potente.” (VI, 47)
 “Nas ilhas de Maldiva nasce a pranta” (X, 136)
 “Pruma no gorro, um pouco declinada” (II, 98)
 “Onde o profeta jaz, que a lei pubrica” (VIII, 34)

Quando a mudança é observada diacronicamente, em um período mais longo de tempo, como essas que provêm do Latim, não é possível que os falantes a percebam de forma natural. No entanto, quando a mudança é observada sincronicamente, em um único período de tempo, a tendência, segundo Bagno (2007a), é a de que a variante “não-padrão”, no caso a forma pronunciada com o /R/, sofra estigma socialmente, pelo motivo da distância entre a modalidade falada da língua e a norma pré-estabelecida pelas gramáticas prescritivas. Bagno (2007a) chega a listar o rotacismo como um dos fenômenos que mais sofre preconceito linguístico, assim como, por exemplo, o apagamento da vogal postônica medial em proparoxítonas, como em *có.rre.go* > *cór.go* e *ár.vo.re* > *ár.vre*.

Por esse e outros motivos, alguns estudos sobre o rotacismo já foram elaborados, cada um levando em consideração variáveis diferentes e variedades específicas. Sendo assim, como embasamento para a presente análise, serão apresentados, na próxima seção, alguns exemplos de estudos prévios do tema em outras variedades do PB.

2.3.1 Rotacismo em diferentes variedades do PB

Nesta seção, são apresentados brevemente alguns estudos acerca do rotacismo em diferentes variedades do PB, a saber: (i) São José do Norte (RS)

(COSTA, 2007); (ii) Rio de Janeiro (RJ) (TEM TEM, 2010); e (iii) Quedas do Iguaçu (PR) (PALHANO, 2016).

Com base na Teoria Variacionista de Labov (2008 [1972]), Costa (2007) analisou o rotacismo na variedade de São José do Norte (RS), amostra integrante do banco de dados do Projeto *Variação linguística urbana da região Sul* (VARSUL). Como variáveis independentes, foram consideradas: *posição silábica*; *contexto precedente*; *presença de outro segmento líquido na palavra*; *sonoridade do segmento precedente*; *idade*; *sexo/gênero*; e *escolaridade*. Nesse estudo, foram utilizadas amostras de fala de informantes estratificadas em: (i) três faixas etárias: até 40 anos (10 informantes); de 40 anos até 55 anos (15 informantes); e mais de 55 anos (15 informantes); (ii) dois sexos/gêneros: feminino; e masculino; e (iii) duas escolaridades: até quatro anos de estudo; e mais de quatro anos de estudo.

A análise estatística dos dados foi feita a partir do pacote estatístico do *Goldvarb* e, como resultado da rodada geral, foi concluído que a variável favorecedora à realização do rotacismo é o ambiente silábico de *ataque complexo*, como em *plan.ta* ou *blu.sa* (PR 0.86), quando comparado ao ambiente de *coda silábica*, como em *fil.me* ou *pul.so* (PR 0.27). A *faixa etária* foi apontada pela autora como a segunda variável mais relevante, havendo incidência do fenômeno principalmente nos falares dos informantes mais velhos (PR 0.70) e mais jovens (PR 0.56), o que sugere que o rotacismo se encontra em variação estável na cidade gaúcha. Além disso, a autora destaca a *escolaridade* como outro fator favorecedor da realização do rotacismo, tendo maior incidência do fenômeno no falar dos informantes menos escolarizados (PR 0.57) do que nos mais escolarizados (PR 0.41).

Outro estudo sobre o rotacismo é a dissertação de Mestrado de Tem Tem (2010), também baseada na Sociolinguística Laboviana. A autora utilizou, como amostra, dados de fala de alunos de uma escola municipal na comunidade de Jardim Moricaba, localizada no Rio de Janeiro (RJ). Os dados foram coletados primeiramente em Tem Tem (2006), contando com 10 informantes de cada sexo/gênero, e, após quatro anos, em 2010, houve o recontato com esses mesmos alunos, a fim de averiguar se houve mudanças na ocorrência do rotacismo em suas falas.

As variáveis linguísticas independentes consideradas para a pesquisa foram as seguintes: *modo de articulação do segmento precedente à líquida no grupo consonantal*; *vozeamento do segmento precedente à líquida*; *tonicidade da sílaba do grupo consonantal*; e *presença de outro segmento líquido na palavra*. Por sua vez, as variáveis extralinguísticas independentes consideradas foram: *sexo/gênero*: feminino e masculino; *faixa etária*: 5-7 anos de idade (2006) e de 9-11 anos (2010); *escolaridade*: menos de 4 anos de escolarização (2006) e mais de quatro anos de escolarização (2010); e *escolaridade dos pais*: ensino fundamental incompleto, ensino fundamental completo, ensino médio incompleto, ensino médio completo e não respondeu.

Os resultados obtidos por meio do programa estatístico *Goldvarb* descrevem que houve maior ocorrência do rotacismo na fala dos informantes quando na faixa etária mais nova – de 5-7 anos de idade (PR 0.62) – do que quando mais velhos – de 9-11 anos (PR 0.38). Isso pode ser justificado, segundo Tem Tem (2010), pelo fator *escolaridade*, pois esses alunos, de 2006 a 2010, foram expostos a mais quatro anos de escolaridade e tiveram mais inserção da “variante padrão” em seus falares. Por fim, o sexo/gênero feminino liderou a realização do fenômeno do rotacismo (PR 0.58) em relação ao masculino (PR 0.41). Sobre esse ponto, Tem Tem (2010) destaca que esse resultado pode estar atrelado aos aspectos socioculturais da comunidade de fala, em que muitas meninas passam por gravidez precoce e deixam os estudos para cuidar dos filhos e dos afazeres do lar.

Desse modo, Tem Tem (2010) conclui que as variáveis independentes, como *modo de articulação*, *presença de líquida na palavra*, *vozeamento* e *tonicidade*, mostraram-se produtivas na realização do fenômeno. A variável *escolaridade* revelou-se uma das principais favorecedoras para a realização do rotacismo, pois, como apontaram seus resultados, quanto menor o nível de escolaridade, maior a realização do rotacismo.

Como último exemplo de análise do rotacismo em outra variedade do PB, tem-se o TCC de Palhano (2016), considerando a variedade de Quedas do Iguaçu (PR), também com base na Sociolinguística Variacionista proposta por Labov (2008 [1972]).

Como *cópus* da pesquisa, foram selecionados 12 informantes, estratificados em *sexo/gênero*: feminino e masculino; *faixa etária*: 18-45 anos e mais de 45 anos;

escolaridade: ensino fundamental e ensino médio; e *se trabalha fora*: sim e não. As variáveis independentes linguísticas consideradas foram as seguintes: *contexto precedente para (b, f, p)*; *contexto precedente para (g, k)*; *contexto precedente para vogais*; *contexto seguinte para (f, m, p, v)*; *contexto seguinte para (g, q)*; *contexto seguinte para vogais* e *contexto seguinte para as demais consoantes*. Para a realização da pesquisa, foram elaborados um questionário sociolinguístico e uma entrevista.

A análise dos dados foi feita a partir do programa “Rbrul”, apresentando apenas os percentuais, sendo assim, indicou como resultado geral uma realização de 32% do rotacismo em Quedas do Iguaçu. Quanto às variáveis independentes linguísticas, o resultado foi de maior incidência do rotacismo no contexto precedente para as labiais (b, f, p), como em *plan.ta*, *blu.sa* e *flau.ta*, com 42% de aplicação, e no contexto seguinte para as velares (g, k), como em *al.gum* e *qual.quer*, com 39% de aplicação. Nas variáveis independentes extralinguísticas, o percentual para sexo/gênero apontou 51% de realização do fenômeno por mulheres e 49% por homens, o que, segundo a autora, por não haver uma diferença expressiva, não se pode afirmar que o fenômeno aconteça mais nos falares das mulheres. Quanto à faixa etária, o resultado foi de que os mais velhos (45%) realizaram mais o rotacismo do que os mais jovens (22%). Por fim, a escolaridade foi apontada como o fator que mais se destaca para a realização do rotacismo, pois os informantes com ensino fundamental (67%) utilizaram mais o rotacismo em comparação aos informantes com ensino médio (33%).

Após a apresentação do arcabouço relativo à Teoria da Variação e Mudança Linguística (LABOV, 2008 [1972]), ao rotacismo e a alguns estudos sobre esse fenômeno em diferentes variedades do PB, passa-se, no próximo capítulo, à descrição do material e dos métodos empregados nesta pesquisa.

3 MATERIAL E MÉTODOS

Este capítulo apresenta informações sobre o material e o método empregados nesta investigação. Para tanto, divide-se em quatro seções, sendo elas: (i) *Comunidade de fala*, em que é feita a descrição da comunidade da região do noroeste paulista nucleada pela cidade de São José do Rio Preto (seção 3.1); (ii) *Cópus de pesquisa*, em que é descrito o banco de dados *Iboruna* (GONÇALVES, 2020 [2007]) (seção 3.2); (iii) *Variáveis investigadas*, que apresenta as variáveis dependente e independentes consideradas na análise do rotacismo no interior paulista (seção 3.3); e, por fim, (iv) *Procedimentos metodológicos*, em que são descritos os passos seguidos durante o levantamento dos dados analisados nesta pesquisa (seção 3.4).

3.1 Comunidade de fala

São José do Rio Preto é um município situado no noroeste do estado de São Paulo, localizado a uma distância de 442 quilômetros da capital do estado. Segundo o *site* da prefeitura do município,⁴ São José do Rio Preto pertence à mesorregião e microrregião de mesmo nome. O mapa a seguir ilustra a localização da região administrativa da cidade de São José do Rio Preto em comparação às demais regiões do estado.

⁴ Disponível em: <https://www.riopreto.sp.gov.br/sobre/>. Acesso em: 18 nov. 2019.

Figura 4 – Mapa das regiões administrativas do estado de São Paulo



Fonte: Instituto de Economia Agrícola (IEA).
Disponível em: <http://www.iea.sp.gov.br/out/mapa.html>. Acesso em: 6 abr. 2020

O *site* da prefeitura aponta que a história de São José de Rio Preto começou em 1840, quando mineiros desbravaram a região, que, na época, ainda era mata virgem. Fixaram-se e deram início à exploração agrícola e à criação de animais domésticos. O município foi fundado em 19 de março de 1852, por João Bernardino de Seixas Ribeiro, que liderou a vizinhança para a construção de uma capela. Em 1890, teve sua emancipação do distrito de Jaboticabal.

É denominada São José do Rio Preto devido à junção do nome do padroeiro, São José, e do rio que banha a cidade, Rio Preto. Conforme um documento⁵ pertencente à biblioteca do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 1944, o Centro Geográfico do Rio de Janeiro sugeriu a alteração do nome do município para Iboruna, por haver um homônimo em Minas Gerais, porém a sugestão não foi levada adiante, devido a protestos de seus habitantes e políticos, o que gerou um decreto-lei estadual, restabelecendo o antigo nome São José do Rio Preto.

⁵ Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/saopaulo/saojosedoriopreto.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2019

Sua história⁶ econômica esteve ligada ao setor de cafeicultura e cultura de grãos. Em 1942, a empresa *Swift* foi instalada no município, sendo a primeira grande indústria de extração de óleo comestível, retirado do algodão, amendoim, mamona e milho. A partir dessa época, São José do Rio Preto cresceu e se tornou um dos principais polos industriais, culturais e de serviços do interior de São Paulo. O município também possui uma importante tradição cultural, com festas sazonais, artesanato, teatro, música e esportes.

Além disso, apresenta o Produto Interno Bruto (PIB) *per capita* estimado em R\$ 36.599,83, considerado acima da média brasileira, que, segundo o IBGE, em 2017, chegou a R\$ 31.833,50.

Outros dados relevantes sobre essa comunidade de fala constataam que, em 2019, a estimativa de habitantes era de 460 mil pessoas, correspondendo, assim, ao 11º município mais populoso de São Paulo e o 52º do Brasil. Conforme dados de 2010 do IBGE, o município tem, como faixa etária predominante, a de 30 a 39 anos, com 67.328 pessoas, das quais 34.524 são mulheres e 32.804 são homens.

Também é importante destacar a educação em São José do Rio Preto. Segundo o IBGE, no censo de 2010, a taxa da alfabetização entre crianças de 6 a 14 anos era de 98%. Também consta, nesse censo,⁷ que entre pessoas de 10 a 25 anos de idade, aproximadamente 137 mil pessoas não possuem instrução ou possuem o ensino fundamental incompleto, 69 mil pessoas apresentam o ensino fundamental completo, 97 mil pessoas possuem o ensino médio completo, enquanto 55 mil pessoas, por fim, possuem o ensino superior completo.

Por último, ressaltamos que São José do Rio Preto encontra-se no Grupo 1 do Índice Paulista de Responsabilidade Social (IPRS), segundo o *site* da fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (SEADE), isto é, os índices apontados anteriormente o caracterizam como um município com bons níveis nos indicadores sociais e que possui um nível elevado de riquezas.

Na próxima subseção, é apresentado o *cópus* de pesquisa, constituído pelo banco de dados *Iboruna*, bem como a relevância desse banco de dados de

⁶ Disponível em: http://www.perfil.seade.gov.br/historico/hist_498.pdf. Acesso em: 18 nov. 2019.

⁷ Disponível em:

<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/sao-jose-do-rio-preto/pesquisa/23/22469?detalhes=true>. Acesso em: 18 nov. 2019.

amostras de fala da região de São José do Rio Preto para o avanço da pesquisa linguística.

3.2 Córpus da pesquisa

Como *cópus* de pesquisa, são utilizadas oito entrevistas do banco de dados *Iboruna* (GONÇALVES, 2020 [2007]), resultado do projeto Amostra Linguística do Interior Paulista (ALIP – IBILCE/UNESP – FAPESP 03/08058-6), o qual é constituído por amostras de fala de informantes da região de São José do Rio Preto, apresentada na seção 3.1 deste TCC. O total de oito inquéritos analisados é resultado do cruzamento de dois sexos/gêneros, dois níveis de escolaridades e duas faixas etárias ($2 \times 2 \times 2 = 8$), a serem apresentados na próxima seção deste TCC.

O banco de dados *Iboruna*,⁸ que significa *Rio Preto* em Tupi Guarani, foi constituído entre os anos de 2003 e 2007, devido ao interesse de pesquisadores no estudo da língua usada em seu contexto social. Outra motivação foi a de possibilitar o avanço da pesquisa linguística, disponibilizando, para pesquisadores, um banco de dados anotado com amostras de fala que capturassem o dinamismo da fala do interior paulista, o que também caracteriza o ineditismo desse projeto (GONÇALVES, 2019).

Segundo Gonçalves (2019), um dos idealizadores do projeto, atualmente o *Iboruna* conta com trezentos pesquisadores, tanto do Brasil quanto do exterior, cadastrados como usuários do banco de dados. Além disso, tem servido de *corpora* para inúmeras pesquisas que contribuem para a caracterização do PB, como a presente pesquisa. Dentre as pesquisas já realizadas, estão análises variacionistas que contemplam a perspectiva fonético-fonológica, como, por exemplo, os estudos do (i) apagamento e alçamento vocálico em contexto de postônica medial, como em *a.bó.b[o].ra ~ a.bó.bra ~ a.bó.b[u].ra* (RAMOS, 2009); (ii) *apagamento de /d/ em morfema de gerúndio*, como em *canta[ndo] ~ canta[no]* (FERREIRA, 2010); e (iii) alçamento das vogais médias pretônicas, como em *d[e].s[e]n.vol.ven.do ~*

⁸ Disponível em: <http://www.iboruna.ibilce.unesp.br/interna.php?Link=corpo.php&corpo=36>. Acesso em: 22 nov. 2019.

d[i].s[i]n.vol.ven.do e *c[o].nhe.ço ~ c[u].nhe.ço* (CARMO, 2009, 2013, 2014, 2018, 2019; CARMO; TENANI, 2013).

O *Iboruna* é formado por dois tipos de amostras: o primeiro, denominado *Amostra Comunidade (Amostra Censo)*, possui 152 amostras de fala controladas sociolinguisticamente (LABOV, 2008 [1972]). Cada amostra contém um arquivo sonoro que corresponde aos cinco tipos de textos; um arquivo de dados da ficha social do informante; um arquivo de transcrição ortográfica; e um arquivo de diário de campo. O segundo, denominado *Amostra de Interação Dialógica*, comporta 11 amostras de interações dialógicas coletadas secretamente em situações livres de interação social. Cada uma das amostras é composta por um arquivo sonoro; um arquivo de dados da ficha social dos informantes; um arquivo com transcrição ortográfica da fala; e um arquivo de diário de campo.

Nesta pesquisa, utiliza-se uma subamostra da *Amostra Censo*, pelo fato de estratificar os informantes socialmente, sendo assim, a mais propícia para estudos sociolinguísticos que averiguem a influência de variáveis independentes extralinguísticas em relação à aplicação do processo fonético-fonológico estudado. Essas variáveis independentes extralinguísticas, bem como os grupos de fatores linguísticos, são apresentadas mais detalhadamente na próxima seção.

3.3 Variáveis investigadas

Como variável dependente, determina-se, nesta pesquisa, a realização variável do rotacismo. Como variáveis independentes, investigam-se cinco grupos de fatores linguísticos e três extralinguísticos, a saber: (i) *posição do segmento na sílaba*; (ii) *contexto precedente ao segmento*; (iii) *sonoridade precedente ao segmento*; (iv) *outro segmento líquido na palavra*; (v) *tonicidade da sílaba em que ocorre o segmento*; (vi) *sexo/gênero*; (vii) *escolaridade*; e (viii) *faixa etária*.

Os fatores investigados, a justificativa e a hipótese para a consideração de cada variável independente são detalhados a seguir:

(i) *Posição do segmento na sílaba*: variável considerada a fim de verificar se o contexto de ataque complexo (*blu.sa*) é mais favorecedor da aplicação do rotacismo do que o contexto de coda silábica (*pul.so*), na variedade do interior paulista, assim como encontrado por Costa (2007) para a variedade gaúcha de São José do Norte;

(ii) *Contexto precedente ao segmento*: variável utilizada para investigar se o contexto precedente, seja de *oclusiva (sim.ples)*, *fricativa (flo.ri.do)*, *vogal anterior⁹ (co.ro.nel)* ou *vogal posterior (pul.sa.ção)*, pode ser favorecedor da realização do rotacismo, e também, pelo fato de essa variável já ter sido relevante no que tange a estudos anteriores, como os de Costa (2007) e Tem Tem (2010), citados na seção 2.3 deste TCC;

(iii) *Sonoridade precedente*: variável investigada a fim de analisar se o contexto precedente à líquida em relação à sonoridade, a saber, *vozeado (bal.cão)* ou *desvozeado (di.plo.ma)*, é relevante no processo de comutação entre as líquidas, como sugerido pelo estudo de Costa (2007), em que o contexto precedente vozeado foi apontado como favorecedor da realização do rotacismo;

(iv) *Outro segmento líquido na palavra*: a investigação dessa variável se dá pela possibilidade de análise da influência da presença ou ausência de outro segmento líquido // ou /R/ (*qual.quer*) para a realização do rotacismo, como verificado por Tem Tem (2010), que apontou um leve favorecimento para a realização do rotacismo em palavras com presença de outra líquida, como em (*fla.gra*);

(v) *Tonicidade da sílaba*: variável utilizada a fim de observar se a sílaba, sendo uma pretônica (*re.cla.mar*), tônica (*bi.ci.cle.ta*) ou postônica (*e.xem.plo*), interfere na realização do rotacismo;

(vi) *Sexo/gênero* (feminino e masculino): variável utilizada com base na literatura sociolinguística, que afirma que as mulheres tendem a evitar formas estigmatizadas socialmente. Em comparação aos homens, “[...] as mulheres usam as formas mais avançadas em sua própria fala informal e se corrigem mais nitidamente no outro extremo da fala monitorada” (LABOV, 2008 [1972], p. 346). Isso ocorre devido a um papel social de subordinação que as mulheres sofrem há muito tempo, o que gera uma insegurança linguística que as leva a evitar estilos estigmatizados e buscar prestígio e reconhecimento em seu grupo social por meio da linguagem (BARROZO; AGUILERA, 2014). Desse modo, a consideração dessa

⁹ Os termos *anterior* e *posterior* utilizados referem-se aos traços articulatórios da vogal precedente ao segmento líquido e não à posição delas em relação a este mesmo segmento.

variável pode apontar indícios de estigma social em relação ao rotacismo na variedade analisada;

(vii) *Escolaridade* (primeiro ciclo do ensino fundamental e ensino superior): variável relevante para contrastar o desempenho de indivíduos de dois extremos de escolaridades e, dessa forma, poder identificar eventual estigma social em relação ao rotacismo no interior paulista, pois, como já apresentado na seção 2.3 deste TCC, o rotacismo é apontado como um dos processos que mais sofrem estigma social, pois “[...] para os falantes urbanos escolarizados, pronúncias como *broco*, *ingrês*, *chicrete*, *pranta*, etc. são feias, erradas e toscas” (BAGNO, 2007a, p. 73). Esse preconceito linguístico ocorre pelo fato de esse fenômeno, eventualmente, aparecer na fala de indivíduos socialmente desprivilegiados, como analfabetos ou aqueles com pouco acesso ao estudo formal;

(viii) *Faixa etária* (de 16 a 25 anos e acima de 55 anos): variável destacada, por fim, para investigar indícios que apontem se o rotacismo corresponde a um caso de variação estável ou mudança em progresso no interior paulista, por meio do estudo em tempo aparente, como apresentado na seção 2.1 deste TCC.

Na seção a seguir, são explicados os passos metodológicos adotados para a condução desta pesquisa.

3.4 Procedimentos metodológicos

Para o levantamento de dados, foram necessários os arquivos de áudio e de transcrição ortográfica pertencentes às oito entrevistas selecionadas do banco de dados *Iboruna*.

Para a análise, primeiramente, foi realizada uma pré-seleção, nos arquivos de transcrição ortográfica, de todos os vocábulos que apresentavam contexto para a realização do rotacismo, isto é, que apresentavam consoante líquida lateral em posição de ataque complexo (*in.glês*) ou de coda medial (*re.vol.tar*) ou final (*di.fi.cil*). Posteriormente, foi realizada uma análise de oitava¹⁰ dos arquivos sonoros, a fim de

¹⁰ A análise apenas de oitava se deve ao fato de os arquivos sonoros do banco de dados *Iboruna* não possuírem qualidade acústica boa o suficiente para uma análise acústica dos dados, tendo em vista o fato de as gravações não terem sido realizadas em cabines com isolamento acústico.

observar a ocorrência ou não do processo fonético-fonológico, bem como de seus contextos linguísticos e extralinguísticos.

Após a codificação dos dados coletados, procedeu-se à análise quantitativa, realizada a partir da utilização do programa estatístico *Goldvarb X*.¹¹ Os resultados encontrados são descritos e discutidos no próximo capítulo.

¹¹ Disponível para *download* em: <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.html>. Acesso em: 22 nov. 2019.

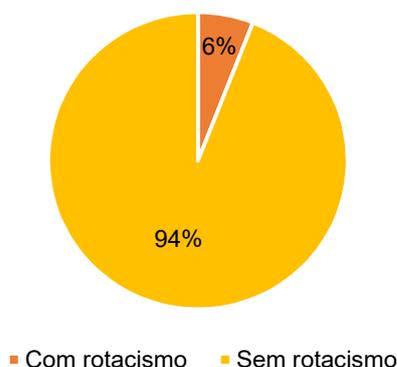
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Neste capítulo, são apresentados e discutidos os resultados da análise estatística do rotacismo na variedade do PB falado no interior paulista. Os dados quantitativos foram gerados pelo programa *Goldvarb X*, que apontou os contextos favorecedores à realização do fenômeno, os quais são expostos nas tabelas juntamente com seus pesos relativos e frequências de aplicação. Inicialmente, discutem-se os resultados referentes a uma rodada geral, com todas as ocorrências. Dados os resultados, mostrou-se pertinente a realização de mais duas rodadas específicas no que tange à posição silábica: (i) ataque complexo, como em *clí.ni.ca*; e (iii) coda silábica, como em *al.go.dão*.

4.1 Rodada Geral

Como resultado da rodada geral, foram levantados 857 dados totais, dos quais 53 (6,2%) tiveram a aplicação do rotacismo, como em *a[ʎ].gum* e *in.g[r]ês*. O gráfico seguinte ilustra a visão geral de ocorrências do rotacismo:

Gráfico 1 - Ocorrências gerais



Fonte: Elaboração própria

Os resultados quantitativos foram gerados pelo programa *Goldvarb X*. Inicialmente, houve um nocaute na variável *contexto precedente*, com 0% de aplicação de rotacismo para o fator *fricativa*, como em *flo.res*. Desse modo, foi necessário fazer um amálgama com o fator *oclusiva*, seguindo a lógica de esse fator também pertencer ao grupo das consoantes.

Também, para a rodada geral, foi decidido realizar um amálgama para a variável *posição na sílaba*, considerando apenas os contextos de ataque complexo e coda silábica, sem desmembrar para os fatores de coda medial e de coda final, com o motivo de deixar essa análise mais detalhada para a rodada específica relativa às ocorrências em coda silábica.

Na sequência, o programa estatístico apontou, como variáveis favorecedoras à realização do rotacismo, em ordem decrescente:

- (i) *Faixa etária*;
- (ii) *Tonicidade da sílaba*;
- (iii) *Sexo/gênero*;
- (iv) *Posição na sílaba*; e
- (v) *Escolaridade*.

Os resultados referentes a essas variáveis são discutidos, em detalhes, a seguir.

4.1.1 Faixa etária

O programa *Goldvarb X* selecionou a variável *faixa etária* como a primeira mais relevante à realização do rotacismo. Os resultados referentes a esse grupo de fatores são apresentados na tabela seguinte:

Tabela 1 – Rotacismo em relação à faixa etária

	16 a 25 anos	Superior a 55 anos
Com rotacismo	1,1% (3/274)	8,6% (50/583)
Sem rotacismo	98,9% (271/274)	91,4% (533/583)
Peso Relativo¹²	0.180	0.671

Fonte: Elaboração própria

Input: 0.032

Significância: 0.019¹³

Conforme a Tabela 1, há uma maior aplicação do rotacismo na faixa etária mais avançada (peso relativo - daqui em diante, PR - 0.671) em comparação aos mais jovens (PR 0.180). Todavia, para um resultado mais aprofundado sobre o

¹² Nesta tabela e nas seguintes, o peso relativo apontado refere-se ao fator *com rotacismo*.

¹³ Convergência na interação 6.

status de variação estável ou de mudança linguística, faz-se necessária a consideração de outras faixas etárias, o que é deixado para futuras pesquisas.

Outro ponto que esse resultado sugere é o estigma do rotacismo, pois, segundo Labov (2008 [1972]), os jovens estão sob maior influência da norma padrão do que os mais velhos, pelas pressões sociais de entrada no mercado de trabalho. Assim, evitam as formas mais estigmatizadas socialmente e as substituem pelas variantes de prestígio.

4.1.2 Tonicidade da Sílabas

A variável *tonicidade da sílaba* foi apontada pelo *Goldvarb X* como a segunda mais relevante para a realização do rotacismo. Seus resultados podem ser observados na tabela a seguir:

Tabela 2 - Rotacismo em relação à *tonicidade da sílaba*

	Pretônica (re.cl.mar)	Tônica (bi.ci.cle.ta)	Postônica (e.xem.plo)
Com rotacismo	10,2% (30/293)	4% (20/495)	4,3% (3/69)
Sem rotacismo	89,8% (263/293)	96% (475/495)	95,7% (66/69)
PR	0.653	0.417	0.429

Fonte: Elaboração própria

Input: 0.032

Significância: 0.019

As sílabas pretônicas (PR 0.653), como em *re.c[r]a.mar*, foram apontadas como mais favorecedoras para a realização do rotacismo em comparação às sílabas tônicas (PR 0.417), como em *bi.ci.c[r]e.ta*, e às postônicas (PR 0.429), como em *e.xem.p[r]o*. Isso pode ser explicado pelo fato de se tratar de uma sílaba átona, mais suscetível à aplicação de processos variáveis do que a sílaba tônica. Em comparação ao outro fator átono (sílaba postônica), observa-se sua frequência mais substancial no *cópus* deste trabalho, dado o número de ocorrências de // em sílaba pretônica (293 ocorrências) quando comparado ao de // em sílaba postônica (69 ocorrências). A questão da frequência dos itens lexicais é, no entanto, deixada para estudos futuros.

4.1.3 Sexo/Gênero

A terceira variável destacada pelo *Goldvarb X* como favorecedora da realização do rotacismo é o *sexo/gênero*.

Tabela 3 – Rotacismo em relação a *sexo/gênero*

	Feminino	Masculino
Com rotacismo	2,7% (9/338)	8,5% (44/519)
Sem rotacismo	97,3% (329/338)	91,5% (475/519)
PR	0.350	0.599

Fonte: Elaboração própria

Input: 0.032
Significância: 0.019

Os resultados exibidos na Tabela 3 contribuem para a reforçar a hipótese de que o rotacismo seja um fenômeno estigmatizado no interior paulista. Os homens lideram a realização do rotacismo (PR 0.59) em comparação às mulheres (PR 0.35), resultado que vai ao encontro das literaturas sociolinguísticas, que indicam que as mulheres tendem a evitar as formas estigmatizadas socialmente e utilizar as formas de prestígio (LABOV, 2008 [1972]), como já apresentado na seção 3.3 deste TCC.

Desse modo, como a realização do rotacismo teve maior ocorrência nos falares dos informantes de *sexo/gênero* masculino, pode-se inferir que o fenômeno apresenta indícios de estigma na comunidade observada.

4.1.4 Posição na sílaba

O quarto grupo de fatores de relevância apontado pelo programa estatístico para a aplicação do rotacismo foi a variável *posição na sílaba*. Seus resultados podem ser visualizados na Tabela 4:

Tabela 4 – Rotacismo em relação à *posição na sílaba*

	Ataque complexo (<i>di.plo.ma, in.glês</i>)	Coda silábica (<i>bal.cão, co.ro.nel</i>)
Com rotacismo	11,9% (18/151)	5% (35/706)
Sem rotacismo	88,1% (133/151)	95% (671/706)
PR	0.664	0.464

Fonte: Elaboração própria

Input: 0.032
Significância: 0.019

Como aponta a Tabela 4, o contexto de ataque complexo (PR 0.66), como em *di.p[r]o.ma*, favorece a realização do rotacismo em comparação ao contexto de coda silábica (PR 0.46), como em *co.ro.ne[lj]*. Isso pode ser explicado pelo fato de, geralmente, no contexto de coda silábica, a líquida lateral estar sujeita a outro processo fonético-fonológico, denominado *vocalização*, que consiste em um “fenômeno fonológico de alteração de uma consoante para vogal. No português, a lateral pós-vocálica vocalizou-se na maioria dos dialetos e é manifestada como um glide posterior [w]” (SILVA, 2011, p. 220). Desse modo, a líquida lateral em fim de sílaba, ou seja, em coda silábica, tem tendência a transformar-se quase categoricamente no *glide* [w], como em *co.ro.ne[w]*.

4.1.5 Escolaridade

A última variável apontada como favorecedora do rotacismo é a *escolaridade*, cujos resultados são expostos na tabela a seguir:

Tabela 5 – Rotacismo em relação à escolaridade

	1º Ciclo do EF	Ensino Superior
Com rotacismo	2,9% (8/274)	7,7% (45/583)
Sem rotacismo	97,1% (266/274)	92,3% (538/583)
PR	0.353	0.571

Fonte: Elaboração própria

Input: 0.032

Significância: 0.019

Como pode ser observado por meio da Tabela 5, o Ensino Superior mostra-se levemente favorecedor da aplicação do rotacismo (PR 0.571), enquanto o primeiro ciclo do Ensino Fundamental desfavorece o processo (PR 0.353). Esse resultado diverge dos estudos tradicionais de variação e mudança linguística, que indicam que os indivíduos mais escolarizados tendem a evitar o uso de variantes estigmatizadas socialmente; além disso, como aponta Bagno (2007a), esses falares podem até mesmo ser alvo de preconceito linguístico, tendo em vista que “[...] para os falantes urbanos escolarizados, pronúncias como *broco*, *ingrês*, *chicrete*, *pranta*, etc. são feias, erradas e toscas” (BAGNO, 2007a, p. 73). Sendo assim, esperava-se que o primeiro ciclo do Ensino Fundamental utilizasse mais a forma com o rotacismo.

No entanto, é importante destacar que os resultados presentes na Tabela 5 são enviesados pelo informante AC-151, que, sozinho, aplica 42 das 45 ocorrências de rotacismo. Portanto, os resultados quantitativos referentes à escolaridade (e às

demais variáveis extralinguísticas) podem estar enviesados pela alta frequência de ocorrência no falar de um único informante. Por esse motivo, e também pelo fato de o programa estatístico ter indicado a *escolaridade* como a última variável relevante para a realização do rotacismo, pode-se relativizar o resultado que aponta o favorecimento da aplicação do processo pela escolaridade mais avançada.

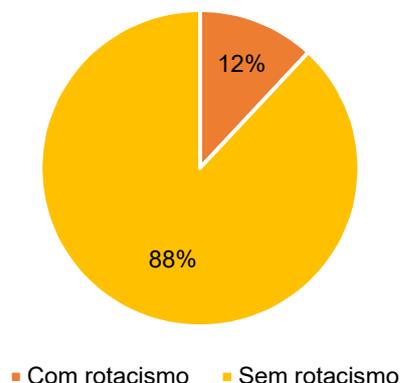
Finalmente, esse resultado pode ser importante para rebater eventuais mitos relativos ao preconceito linguístico, como o de que somente pessoas analfabetas ou com baixa escolaridade fazem uso de variantes não-padrão e estigmatizadas. Trata-se, como já exposto, de um fenômeno inerente à língua portuguesa, condicionado por fatores não somente sociais, como linguísticos, e presentes ao longo da história da língua. Apesar disso, muitas vezes, o rotacismo costuma ser associado ao falar de:

[...] uma classe social desprestigiada, marginalizada, que não tem acesso à educação formal e aos bens culturais da elite, e por isso a língua que elas falam sofre o mesmo preconceito que pesa sobre elas mesmas, ou seja, sua língua é considerada “feia”, “pobre”, “carente”, quando na verdade é apenas diferente da língua ensinada na escola (BAGNO, 2007b, p. 41).

Como aponta o autor, o preconceito linguístico – no caso deste TCC, associado ao *rotacismo* – mostra-se, na verdade, como uma máscara para o que, de fato, consiste em um preconceito social.

4.2 Rodada para Ataque Complexo

Para a rodada específica do contexto de ataque complexo, como em *di.plo.ma* e *com.ple.to*, foram obtidos um total de 151 dados, dos quais 18 tiveram a ocorrência do rotacismo, totalizando 11,9% de aplicação do fenômeno, como é apresentado no gráfico a seguir.

Gráfico 2 - Ocorrências gerais para ataque complexo

Fonte: Elaboração própria

Para esta rodada, o *Goldvarb X* apontou nocaute no que diz respeito à variável *contexto precedente*, mais precisamente para as fricativas, posto que, dos sete dados – *flo.res* (3 ocorrências), *flo.res.ta* (1 ocorrência), *in.flu.ên.ci.a* (2 ocorrências) e *flo.ri.do* (1 ocorrência) –, nenhum teve a ocorrência do fenômeno, apresentando assim uma porcentagem de 0%. Como essa variável só apresenta mais um fator nesse contexto de ataque silábico, referente às consoantes oclusivas, a variável *contexto precedente* foi desconsiderada da análise quantitativa.

Todas as demais variáveis linguísticas e sociais não demonstraram serem favoráveis para a realização do rotacismo em contexto de ataque complexo, sendo descartadas pelo programa estatístico. Consequentemente, volta-se ao grupo de fatores relativos ao *contexto precedente*, apresentando seus resultados percentuais.

4.2.2 Contexto Precedente

Em relação à variável *contexto precedente*, descartada da análise quantitativa do *Goldvarb* devido a nocaute, foram obtidas as seguintes taxas:

Tabela 6 – Rotacismo em ataque complexo em relação ao contexto precedente

	Fricativas	Oclusivas
Com rotacismo	0% (0/7)	12,5% (18/144)
Sem rotacismo	100% (7/7)	87,5% (126/144)

Fonte: Elaboração própria

Input: 0.119

Significância: 0.000¹⁴

Como exibe a Tabela 6, de 151 dados ao total, 144 dados são de oclusivas e 7 de fricativas em contexto precedente. Das 144 ocorrências de oclusivas, 18 (12,5%) apresentam aplicação do rotacismo. Das 7 ocorrências de fricativas, em nenhuma (0%) se aplica o processo. Desse modo, pode-se ter um indicativo de que as fricativas desfavorecem o fenômeno, enquanto as oclusivas o favorecem, nesta amostra.

Para entender melhor o funcionamento dessa variável, foram levantados os 18 dados de rotacismo com oclusiva em contexto precedente. Desses dados, 11 foram com a oclusiva /p/: *a.p[r]i.ca.ção*; *com.p[r]e.ta.men.te*; *com.p[r]e.to*; *di.p[r]o.ma* (2 ocorrências); *e.xem.p[r]o*; *ex.p[r]i.ca.ção*; *p[r]a.ne.jou*; *sim.p[r]es* (2 ocorrências); e *sim.p[r]es.men.te*. A oclusiva /k/ obteve três ocorrências: *bi.ci.c[r]e.ta*; *c[r]f.ni.ca*; e *re.c[r]a.mar*. Em seguida, a oclusiva /g/ também obteve três ocorrências: *in.g[r]ês* (2 ocorrências); e *in.g[r]e.sas*. E por fim, a oclusiva /b/ obteve uma ocorrência: *re.pu.b[r]i.ca.no*.

Esses resultados estão de acordo com os encontrados por Tem Tem (2010) para a variedade carioca em seus dados de 2006, em que as oclusivas obtiveram um PR de 0.51, enquanto as fricativas obtiveram o PR de 0.46. De forma a justificar esses percentuais, Tem Tem (2010) se baseou no sistema de traços distintivos proposto por Jakobson, Fant e Halle (1963), ilustrado a seguir.

¹⁴ Convergência na interação 2.

Figura 5 – Resumo do sistema de Jakobson, Fant e Halle (1963, *apud* TEM TEM, 2010, p. 72)

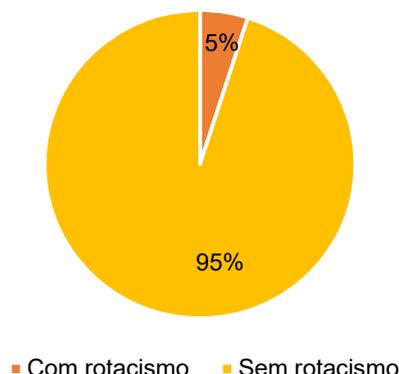
Vocálico: vogais e líquidas
 Não-vocálico: os *glides* e as obstruentes
 Consonântico: obstruentes e líquidas
 Não-consonântico: vogais e *glides*
 Contínuo: fricativas e laterais
 Não-contínuo: oclusivas, vibrantes e africadas.

A partir dessa figura, a autora destacou os dois últimos traços, que tratam da continuidade dos sons. Desse modo, as oclusivas e o *tepe* possuem uma proximidade no ponto de vista articulatorio, pois ambos realizam uma soltura abrupta da corrente de ar, portanto, ambos são sons não-contínuos. Já o que as fricativas e o *//* possuem em comum, em relação ao modo de articulação, é que ambos realizam a soltura da corrente de ar sem interrupção, sendo, assim, sons contínuos (TEM TEM, 2010, p. 72).

Em vista dos resultados semelhantes aos do trabalho de Tem Tem (2010), pode-se pautar, também, o presente resultado a determinada homorganicidade observada a partir do sistema de traços distintivos de Jakobson, Fant e Halle (1963), que possibilita entender que “as oclusivas favorecem a rotacização, pois têm pouca semelhança com o *//* e são mais próximas do */r/*, enquanto as fricativas podem favorecer o uso da forma padrão, pela proximidade com o *//*, ou mesmo tenderem ao apagamento do *//*” (TEM TEM, 2010, p. 73).

4.3 Rodada para Coda Silábica

A rodada específica para a coda silábica apresentou um total de 706 dados, dos quais 35 tiveram a ocorrência do rotacismo, totalizando 5% de aplicação. Os resultados são apresentados no gráfico a seguir:

Gráfico 3 - Ocorrências gerais para coda silábica

Fonte: Elaboração própria

Os resultados foram gerados pelo programa estatístico *Goldvarb X*, que apresentou nocaute em relação às variáveis sociais, com 100% de aplicação para a *faixa etária (acima dos 55 anos)* e para a *escolaridade (ensino superior)*. Sendo assim, não foram consideradas essas variáveis, as quais apresentam apenas dois fatores nesta pesquisa. Outro nocaute foi apresentado em relação à *tonicidade da sílaba*, com 0% de aplicação para o fator *postônicas*, como em *a.gra.dá.vel*, sendo necessária a realização de um amálgama com o fator *pretônicas*, seguindo a lógica de ambas serem átonas.

Sequencialmente, as variáveis destacadas pelo *Goldvarb X* como favorecedoras da realização do rotacismo foram: *sexo/gênero* e *posição na sílaba*. Os resultados referentes a essas variáveis são discutidos a seguir.

4.3.1 – Sexo/Gênero

Como mencionado, o *sexo/gênero* foi o primeiro grupo de fatores selecionado como mais relevante para o rotacismo em contexto de coda silábica. Essa rodada evidencia o comportamento apontado na rodada geral de que os homens produzem mais rotacismo do que as mulheres.

Tabela 7 – Rotacismo em coda silábica em relação a sexo/gênero

	Feminino	Masculino
Com rotacismo	1,1% (3/270)	7,3% (32/436)
Sem rotacismo	98,9% (267/270)	92,7% (404/436)
PR	0.220	0.686

Fonte: Elaboração própria

Input: 0.029

Significância: 0.000¹⁵

Conforme a Tabela 7, os homens lideram a realização do rotacismo em contexto de coda silábica (PR 0.686) enquanto as mulheres aplicam com frequência e probabilidade relativamente menores (1,1% e PR 0.220). Essa disparidade pode dar indícios de estigma social do rotacismo em contexto de coda silábica, pois, como já apontado na seção 3.3 deste TCC, as obras de sociolinguística, geralmente, associam as mulheres ao maior uso de variantes de prestígio social quando comparadas aos homens de seu grupo social (LABOV, 1972 [2008]). Dessa forma, esse resultado torna forte a sustentação da hipótese inicial de que o rotacismo corresponde a um fenômeno estigmatizado na variedade de São José do Rio Preto.

4.3.2 – Posição na sílaba

A variável *Posição na sílaba* foi selecionada como a segunda favorecedora da realização do rotacismo em contexto de coda silábica. Para essa rodada, a coda silábica foi dividida em medial e final, como observado na tabela a seguir.

Tabela 8 – Rotacismo em coda silábica em relação à posição na sílaba

	Coda Medial (bal.cão)	Coda Final (co.ro.nel)
Com rotacismo	8,2% (26/317)	2,3% (9/389)
Sem rotacismo	91,8% (291/317)	97,7% (380/389)
PR	0.686	0.346

Fonte: Elaboração própria

Input: 0.029

Significância: 0.000

A Tabela 8 indica que a posição de coda medial, como em *bal.cão*, favorece a realização do rotacismo (PR 0.686), enquanto a posição de coda final, como em *co.ro.nel*, a desfavorece (PR 0.346). Esse resultado pode estar ligado ao fato de

¹⁵ Convergência na interação 6.

que, em coda final, o /R/ está mais suscetível a outro processo variável, o de apagamento, como indica a pesquisa de Carmo e Taborda (2019) sobre o apagamento do /R/ em coda na variedade do interior paulista: “[...] quando o segmento se localiza em meio de vocábulo, há tendência de desfavorecimento do apagamento de /R/ em coda. Em contrapartida, quando a ocorrência é em fim de vocábulo, o apagamento é altamente favorecido” (CARMO; TABORDA, 2019, p. 47). No entanto, para uma confirmação mais efetiva desse resultado, faz-se necessário o levantamento dos vocábulos que sofreram o apagamento de /R/ em coda para comparação com os que tiveram a ocorrência do rotacismo. Porém, devido à exequibilidade para a realização deste TCC, essa análise mais aprofundada é deixada para estudos futuros.

Feita a apresentação dos resultados relativos à rodada geral, à rodada para o ataque complexo e à rodada para a coda silábica, passa-se, a seguir, às considerações finais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente TCC analisou o processo fonético-fonológico denominado *rotacismo* a partir da Teoria da Variação e Mudança Linguística (LABOV, 2008 [1972]) e de estudos prévios sobre o processo em outras variedades do PB, tendo, como objetivo, a caracterização do processo no que tange à variedade do interior paulista.

Sendo assim, após o levantamento dos dados retirados do banco de dados *Iboruna* e do procedimento da análise linguística dos dados estatísticos a partir do programa *Goldvarb X*, foram elencadas, como as variáveis favorecedoras para a realização do rotacismo, em ordem de relevância: a *faixa etária*, a *tonicidade da sílaba*, o *sexo/gênero*, a *posição na sílaba* e a *escolaridade*.

Desse modo, constatou-se que o rotacismo, na variedade do interior paulista, apresenta indícios de ser estigmatizado socialmente, o que se deve aos resultados referentes à variável social *sexo/gênero*, que fortalece uma das hipóteses iniciais e corrobora os estudos sociolinguísticos que afirmam que os homens têm a tendência de utilizarem mais variantes não padrão e estigmatizadas socialmente em comparação às mulheres, que, por sua vez, tendem a utilizar as variantes prestigiadas e mais próximas à norma padrão.

Além disso, foi possível confirmar a hipótese inicial de que o rotacismo é condicionado por fatores linguísticos para a sua realização, pois o fenômeno atua principalmente (i) em contexto de ataque complexo, como em *di.p[r]o.ma* e *p[r]a.ne.jou*; e (ii) em sílabas átonas, especialmente as pretônicas, como em *a[l].gum* e *di.fi.cu[l].da.de*.

Dada a relevância dos resultados para as variáveis linguísticas, fez-se mister a realização de mais duas rodadas específicas, uma para o ambiente de ataque complexo e outra para a coda silábica, a fim de averiguar mais detalhadamente o comportamento do fenômeno do rotacismo em relação a cada posição silábica.

Na rodada específica para o ataque complexo, destaca-se a atuação do *contexto precedente*, que apresentou indícios de que a presença de uma oclusiva precedente à líquida favorece a realização do rotacismo. Já as fricativas, em contrapartida, dão indícios de desfavorecer a aplicação do rotacismo quando presentes em contexto precedente à líquida.

Na rodada específica para a coda silábica, as variáveis destacadas como favoráveis à aplicação do rotacismo, em ordem de relevância, foram *sexo/gênero*; e *posição na sílaba*. Mais uma vez, o *sexo/gênero* foi apontado como relevante para a realização do rotacismo, destacando os homens como os que mais realizam o rotacismo. A partir disso, como já explicado anteriormente pela literatura sociolinguística, tem-se um indício do estigma do processo, reforçando, mais uma vez, a hipótese inicial de que o rotacismo seria um processo estigmatizado socialmente na variedade do interior paulista. Também, é importante destacar o resultado em relação à *posição na sílaba*, que apontou que o rotacismo tem maior tendência de ocorrer no contexto de coda medial, como em *a[ɺ].go.dão*.

Em conclusão, espera-se ter apresentado, com este TCC, uma contribuição (i) para o preenchimento de lacunas no que se refere ao estudo do processo no português falado no interior paulista, assim como (ii) para a descrição fonético-fonológica de uma língua tão diversa como o PB.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Amadeu. **O dialeto caipira**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2020 [1920].
- BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola, 2007a.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. 49. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007b.
- BARROZO, Thais Aranda; AGUILERA, Vanderci de Andrade. Sexo e linguagem: uma análise a partir das sabatinas dos ministros do Supremo Tribunal Federal Joaquim Barbosa e Rosa Weber. **Revista da ABRALIN**, v. 13, n. 1, 2014.
- BOTELHO, José Mario; LEITE, Isabelle Lins. Metaplasmos contemporâneos—um estudo acerca das atuais transformações fonéticas da Língua Portuguesa. *In: II Congresso de Letras da UERJ—São Gonçalo (II CLUERJ-SG)*. 2005.
- BRANDÃO; Silvia Figueiredo; CALLOU, Dinah. Pressupostos básicos para uma caracterização fonológica do português brasileiro. *In: CASTILHO, Ataliba T. de. História do português brasileiro: mudança fônica do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2019.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Elementos de fonética do Português Brasileiro**. São Paulo: Paulistana, 2007. 194 p.
- CARMO, Márcia Cristina do. **As vogais médias pretônicas dos verbos na fala culta do interior paulista**. 2009. 122 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2009.
- CARMO, Márcia Cristina do. **As vogais médias pretônicas na variedade do interior paulista**. 2013. 249 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2013.
- CARMO, Márcia Cristina do. As vogais médias pretônicas no noroeste paulista: comparação com outras variedades do Português Brasileiro. **Estudos Linguísticos (SÃO PAULO. 1978)**, v. 43, p. 33-47, 2014.
- CARMO, Márcia Cristina do. Variação linguística das vogais médias pretônicas em contexto medial no noroeste paulista. **UniLetras**, v. 40, p. 221-239, 2018.
- CARMO, Márcia Cristina do. Alçamento vocálico das vogais médias pretônicas iniciais na variedade do noroeste paulista. **Estudos Linguísticos (SÃO PAULO. 1978)**, v. 48, p. 800-821, 2019.
- CARMO, Márcia Cristina do; TABORDA, Isabela Ribeiro. Apagamento de /R/ em coda silábica na variedade do interior paulista. **Letras Escreve**. Macapá, v. 9, n. 3, 2. sem. p. 39-51, 2019.

CARMO, Márcia Cristina do; TENANI, Luciani Ester. As vogais médias pretônicas na variedade do noroeste paulista: uma análise sociolinguística. **Alfa: Revista de Linguística** (UNESP. Online), v. 57, p. 607-637, 2013.

COLLISCHON, Gisela. **Fonologia do português brasileiro, da sílaba à frase**. Instituto de letras – UFRGS, 2006. p. 34-45. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

COSTA, Luciane Trennephol. **Estudo do rotacismo**: variação entre as consoantes líquidas. 2006. 167 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

COSTA, Luciane Trennephol. Análise variacionista do rotacismo. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL**. v. 5, n. 9, ago. 2007.

COX, Maria Inês Pagliarini; ASSAD, Cader Faisal. O ele e o erre só trazem 'compricação'- um estudo das representações de // e /r/ na escrita de crianças em processo de alfabetização. **Revista de Educação Pública**, Cuiabá, v. 8, n.13, p. 143-156, 1999.

CRISTINO, Tathiane; BUSSE, Sanimar. Rotacismo: estudo do fenômeno na fala do Oeste do Paraná. *In: Anais da 19 JELL*, Jornada de Estudos Linguísticos e Literários. Marechal Cândido Rondon: JELL, 2017.

FERREIRA, Jesuelem Salvani. **O apagamento do /d/ em morfema de gerúndio no dialeto de São José do Rio Preto**. 2010. 142 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, 2010.

FUNDAÇÃO SEADE. **Histórico**. Disponível em: http://www.perfil.seade.gov.br/historico/hist_498.pdf. Acesso em: 18 nov. 2019.

FUNDAÇÃO SEADE. **IMP - Informações dos Municípios Paulistas**. Disponível em: <http://www.perfil.seade.gov.br/>. Acesso em: 18 nov. 2019.

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite. **Banco de dados Iboruna**: amostras eletrônicas do português falado no interior paulista. Disponível em: <http://www.alip.ibilce.unesp.br/iboruna>. Acesso em: 22 nov. 2019 [2007].

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite. Projeto ALIP (Amostra Linguística do Interior Paulista) e banco de dados Iboruna: 10 anos de contribuição com a descrição do português brasileiro. **Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978)**, v. 48, n. 1, p. 276-297, 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Histórico**. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualização/dtbs/saopaulo/saojosedoriopreto.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Panorama**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/sao-jose-do-rio-preto/panorama>. Acesso em: 18 nov. 2019.

INSTITUTO DE ECONOMIA AGRÍCOLA. **Mapas**. Disponível em: <http://www.iea.sp.gov.br/out/mapa.html>. Acesso em: 6 abr. 2020.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

PAIVA, Maria da Conceição de; DUARTE, Maria Eugênia Lamóglia. Mudança Linguística: observações no tempo real. *In*: MOLLICA, Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Org.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. ed. São Paulo: Contexto. p. 179-190. 2015.

PALHANO, Maria Siliane de Andrade Carpes. **Rotacismo na cidade de Quedas do Iguaçu**. 2016. 59 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, 2016.

PREFEITURA DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO. **Sobre Rio Preto**. Disponível em: <https://www.riopreto.sp.gov.br/sobre/>. Acesso em: 18 de nov. 2019.

RAMOS, Adriana Perpétua Ramos. **Descrição das vogais postônicas não-finais na variedade do noroeste paulista**. 2009. 177f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, 2009.

SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali A.; SMITH, Eric. **Goldvarb X: A variable rule application for Macintosh and Windows**. Department of Linguistics, University of Toronto, 2005.

SEARA, Izabel Christine; NUNES, Vanessa Gonzaga; LAZZAROTTO-VOLCÃO, Cristiane. **Para conhecer: Fonética e Fonologia do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2015.

SILVA, Thaís Cristóforo. **Dicionário de fonética e fonologia**. São Paulo: Contexto, 2011.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2003.

TEM TEM, Luiza Fernandes. **Rotacização das líquidas nos grupos consonantais: representação fonológica e variação**, 2010. 156 f. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

APÊNDICE

Neste apêndice, são listados os vocábulos levantados e analisados nesta pesquisa, seguidos pelo número de ocorrências de rotacismo e do total de dados.

Vocábulo	Ocorrências com rotacismo	Total de ocorrências
<i>Adail</i>	0	1
<i>Adulto</i>	0	1
<i>Afinal</i>	0	1
<i>Agradável</i>	0	1
<i>Alberto</i>	0	2
<i>Alcoólica</i>	0	1
<i>Alfaiataria</i>	0	12
<i>Alfaiate</i>	0	14
<i>Alfaiates</i>	0	3
<i>Algo</i>	0	1
<i>Algodão</i>	5	5
<i>Alguém</i>	1	7
<i>Algum</i>	3	11
<i>Alguma</i>	0	7
<i>Algumas</i>	0	3
<i>Alguns</i>	0	11
<i>Almoça</i>	0	1
<i>Almoçamos</i>	0	1
<i>Almoçar</i>	0	2
<i>Almoço</i>	0	4
<i>Almofadas</i>	0	1
<i>Alta</i>	0	1
<i>Altas</i>	0	1
<i>Alto</i>	0	1
<i>Altura</i>	0	2
<i>Aluguel</i>	0	3
<i>Ampla</i>	0	1
<i>Aplicação</i>	1	1
<i>Aplicava</i>	0	1
<i>Araldite</i>	0	1
<i>Asfaltado</i>	0	2
<i>Assaltada</i>	0	1
<i>Assalto</i>	0	1
<i>Assembleia</i>	0	1
<i>Automóvel</i>	0	4
<i>Balcão</i>	1	1
<i>Bíblia</i>	0	1
<i>Bicicleta</i>	1	1
<i>Blazer</i>	0	2
<i>Blusa</i>	0	2
<i>Bolsa</i>	0	2
<i>Bolsas</i>	0	1
<i>Bolsinha</i>	0	1
<i>Bolso</i>	0	1
<i>Bombril</i>	0	1
<i>Brasil</i>	0	8
<i>Cafeicultores</i>	0	1

<i>Cafezal</i>	0	1
<i>Calça</i>	0	7
<i>Calçadas</i>	0	2
<i>Calças</i>	0	1
<i>Cálcio</i>	0	1
<i>Caldo</i>	0	7
<i>Casal</i>	0	3
<i>Celso</i>	0	1
<i>Clara</i>	0	1
<i>Claro</i>	0	3
<i>Classe</i>	0	5
<i>Clepto</i>	0	1
<i>Clima</i>	0	1
<i>Clínica</i>	1	1
<i>Clube</i>	0	3
<i>Cobalto</i>	0	3
<i>Colcha</i>	0	1
<i>Colchão</i>	0	3
<i>Colegial</i>	0	2
<i>Colesterol</i>	0	1
<i>Completa</i>	0	1
<i>Completamente</i>	1	3
<i>Completo</i>	1	2
<i>Complexas</i>	0	1
<i>Complexo</i>	0	2
<i>Complicado</i>	0	1
<i>Consulta</i>	0	1
<i>Consultora</i>	0	2
<i>Coronel</i>	6	6
<i>Culpa</i>	0	1
<i>Culpado</i>	0	4
<i>Cultura</i>	1	2
<i>Desagradável</i>	0	1
<i>Desenvolve</i>	0	1
<i>Desenvolvendo</i>	0	1
<i>Desenvolveu</i>	0	1
<i>Desenvolvimento</i>	0	2
<i>Desfalque</i>	0	1
<i>Diagonal</i>	0	1
<i>Difícil</i>	0	25
<i>Dificuldade</i>	4	7
<i>Dificuldades</i>	1	2
<i>Diploma</i>	2	2
<i>Dissolveu</i>	1	2
<i>Dissolvi</i>	0	1
<i>Dissolvo</i>	0	3
<i>Dócil</i>	0	1
<i>Dribles</i>	0	1

<i>Duplicata</i>	0	1
<i>Duplo</i>	0	1
<i>Educacional</i>	0	1
<i>Elmaz</i>	0	1
<i>Empolgaram</i>	1	1
<i>Engloba</i>	0	1
<i>Envolve</i>	0	2
<i>Envolveu</i>	0	1
<i>Especial</i>	0	2
<i>Essencial</i>	0	5
<i>Estadual</i>	0	13
<i>Exemplo</i>	1	10
<i>Explicação</i>	1	2
<i>Explicar</i>	0	2
<i>Explicou</i>	0	2
<i>Fácil</i>	0	12
<i>Faculdade</i>	0	17
<i>Faculdades</i>	0	2
<i>Falsidade</i>	0	1
<i>Falta</i>	0	8
<i>Faltar</i>	0	2
<i>Federal</i>	1	2
<i>Filme</i>	0	2
<i>Filmou</i>	0	1
<i>Final</i>	0	1
<i>Flores</i>	0	3
<i>Floresta</i>	0	1
<i>Florido</i>	0	1
<i>Futebol</i>	0	1
<i>Garibaldi</i>	0	1
<i>Geral</i>	0	3
<i>Geralmente</i>	0	1
<i>Ginasial</i>	0	2
<i>Glicose</i>	0	1
<i>Globo</i>	0	3
<i>Golfinho</i>	0	1
<i>Golpe</i>	3	3
<i>Homossexual</i>	0	1
<i>Hospital</i>	0	11
<i>Humilde</i>	0	2
<i>Igual</i>	0	10
<i>Igualmente</i>	0	1
<i>Impulsão</i>	0	2
<i>Impulsividade</i>	0	1
<i>Impulso</i>	0	4
<i>Inclusive</i>	0	14
<i>Indisciplinado</i>	0	1
<i>Influência</i>	0	2

<i>Inglês</i>	2	2
<i>Inglesas</i>	1	1
<i>Intercontinental</i>	0	1
<i>Jornal</i>	0	4
<i>Legal</i>	0	7
<i>Lençol</i>	0	2
<i>Local</i>	0	2
<i>Mal</i>	0	11
<i>Malcriada</i>	0	3
<i>Maltratava</i>	0	1
<i>Manual</i>	0	2
<i>Maraldi</i>	0	1
<i>Marechal</i>	0	1
<i>Marginal</i>	0	1
<i>Material</i>	0	1
<i>Mentalmente</i>	1	1
<i>Mil</i>	0	10
<i>Mirassol</i>	2	73
<i>Moldes</i>	0	1
<i>Motel</i>	0	1
<i>Municipal</i>	0	1
<i>Nacional</i>	0	2
<i>Natal</i>	0	8
<i>Nestlé</i>	0	1
<i>Normal</i>	0	20
<i>Normalmente</i>	0	4
<i>Oficial</i>	0	9
<i>Palpite</i>	0	1
<i>Papel</i>	0	6
<i>Paroquial</i>	0	1
<i>Pernil</i>	0	1
<i>Pessoal</i>	0	13
<i>Planejado</i>	0	1
<i>Planejou</i>	1	1
<i>Planeta</i>	0	3
<i>Planificada</i>	0	1
<i>Planificou</i>	0	1
<i>Plano</i>	0	3
<i>Planta</i>	0	4
<i>Plantação</i>	0	3
<i>Plantar</i>	0	12
<i>Plantas</i>	0	1
<i>Plantasse</i>	0	1
<i>Plantou</i>	0	1
<i>Plástico</i>	0	2
<i>Plastiquinho</i>	0	1
<i>Policial</i>	0	1
<i>Possível</i>	0	2

<i>Principal</i>	0	6
<i>Principalmente</i>	0	1
<i>Problema</i>	0	10
<i>Problemas</i>	0	3
<i>Profissional</i>	0	1
<i>Prol</i>	0	1
<i>Provavelmente</i>	0	2
<i>Publicação</i>	0	1
<i>Publicado</i>	0	1
<i>Público</i>	0	1
<i>Pulsação</i>	1	3
<i>Qual</i>	0	3
<i>Qualquer</i>	1	9
<i>Quintal</i>	0	4
<i>Realmente</i>	0	9
<i>Reclamar</i>	1	1
<i>Republicano</i>	1	1
<i>Repulsa</i>	0	1
<i>Repulsão</i>	0	1
<i>Resolveu</i>	0	2
<i>Revoltar</i>	1	1
<i>Rival</i>	0	1
<i>Sal</i>	0	2
<i>Salgada</i>	0	1
<i>Salgadinhos</i>	0	1
<i>Salsicha</i>	0	1
<i>Salsinha</i>	0	1
<i>Salvação</i>	0	2
<i>Salvo</i>	0	1
<i>Sentimental</i>	0	1
<i>Sexualmente</i>	0	1
<i>Simples</i>	2	6
<i>Simplesmente</i>	1	4
<i>Sinal</i>	0	1
<i>Socialmente</i>	0	1
<i>Sol</i>	0	5
<i>Soltava</i>	0	2
<i>Solteira</i>	0	1
<i>Solteiro</i>	0	1
<i>Soltinho</i>	0	1
<i>Sul</i>	0	3
<i>Tabletinho</i>	0	1
<i>Tal</i>	0	51
<i>Talvez</i>	0	3
<i>Terrível</i>	0	1
<i>Totalmente</i>	0	3
<i>Transmissível</i>	0	1
<i>Úlcera</i>	0	3

<i>Última</i>	0	2
<i>Ultimamente</i>	1	4
<i>Varal</i>	0	3
<i>Volta</i>	0	21
<i>Voltando</i>	0	2
<i>Voltar</i>	0	4
<i>Voltas</i>	0	1
<i>Voltava</i>	0	1
<i>Voltei</i>	0	3
<i>Volto</i>	0	1
<i>Voltou</i>	0	2